

UMA HISTÓRIA ENFADONHA

Dos apontamentos de um homem velho

1

Há na Rússia um médico, o professor emérito Nikolai Stepánovitch tal e tal, conselheiro privado e cavaleiro; tem tantas condecorações russas e estrangeiras que, sempre que é obrigado a ostentá-las, os estudantes lhe chamam iconostase; o seu círculo de conhecimentos é muito aristocrático; nos últimos vinte e cinco ou trinta anos, não há nem houve na Rússia nenhum cientista famoso que ele não conhecesse intimamente. Agora já não tem com quem fazer amizade, mas no passado ofereciam-lha, da mais sincera e calorosa, nomes que entraram na comprida lista dos seus gloriosos amigos, como Pirogov, Kavélin e o poeta Negrásov¹. É membro honorífico de todas as universidades russas e de três estrangeiras. *Et caetera, et caetera*. Tudo isto e o mais que se poderia ainda dizer constituem o que se chama o meu nome.

Este meu nome é popular. Na Rússia, qualquer alfabetizado o conhece, no estrangeiro é mencionado do alto das tribunas universitárias com os epítetos de famoso e respeitável. Faz parte

¹ Pirogov, Nikolai (1810-1881) — célebre cirurgião russo, fundador da cirurgia militar de campanha. Kavélin, Konstantin (1818-1885) — historiador, sociólogo, jurista e publicista russo. Negrásov, Nikolai (1821-1877), poeta russo, intelectual democrata. (N. T.)

daqueles nomes felizes que é de mau gosto criticar ou invocar em vão na imprensa ou em público. E está bem assim. É que o meu nome está intrinsecamente ligado à noção de pessoa famosa, de ricos dotes e de utilidade incontestável. Sou laborioso e resistente como um camelo, o que é importante, e também talentoso, o que é ainda mais importante. De mais a mais eu sou, a propósito, rapaz bem-educado, singelo e honesto. Nunca meti o nariz na literatura nem na política, nunca procurei a popularidade mediante a polémica com ignorantes, nunca pronunciei discursos nos banquetes e nos funerais dos meus colegas... No geral, o meu nome de cientista não tem a mais pequena mancha e não dá motivos de queixa. O meu nome é feliz.

O portador deste nome, ou seja, eu, representa um homem de sessenta e dois anos, careca, com dentadura postiça e um tique incurável. O meu nome é tão brilhante e belo quanto eu próprio sou feio. A cabeça e as mãos tremem-me de fraqueza; o meu pescoço, tal como o de uma heroína de Turguénev, assemelha-se ao braço do contrabaixo, o meu peito é cavado, as minhas costas estreitas. Quando falo ou leio, a minha boca entorta-se para um lado; quando sorrio, todo o rosto se me cobre de rugas de uma senilidade lívida. Nada de imponente na minha miserável figura; apenas, quando o meu tique se acentua, fico com uma expressão especial que deve incutir nos outros, talvez, uma ideia muito significativa: «Pelos vistos, este homem não tardará a morrer.»

Continuo, como dantes, a conferenciar bastante bem, sou capaz de prender a atenção dos ouvintes durante duas horas. O meu jeito apaixonado, a minha linguagem impecável e o meu sentido de humor tornam quase imperceptíveis os defeitos da minha voz, que é ora seca e cortante, logo arrastada como a dos sacristas. Quanto a escrever, não sei fazê-lo. Aquele fragmento do meu cérebro responsável pelas capacidades da escrita recusa-se a funcionar. A minha memória fica fraca, falta coerência aos meus pensamentos quando os passo a escrito, parece-

-me sempre que perdi o faro da ligação orgânica entre eles, a construção frásica torna-se monótona, a frase sai pobre e tímida. Muitas vezes não escrevo o que queria escrever; ao chegar ao fim, já me esqueci do início. Muitas vezes esqueço-me das palavras mais simples, e nas cartas esgoto as energias só a evitar as frases a mais e as fórmulas introdutórias inúteis — ambas as coisas são testemunhos claros da degradação da actividade intelectual. Curioso: quanto mais simples é a carta, mais torturante é a minha tensão. Com um artigo científico sinto-me muito mais à vontade e muito mais inteligente do que a escrever uma carta de felicitações ou um relatório. Outra coisa: é mais fácil para mim escrever em alemão ou em inglês do que em russo.

Quanto ao meu modo de vida actual, tenho de referir em primeiro lugar a insónia de que sofro ultimamente. Se me perguntarem: o que constitui hoje a principal e a mais importante característica da tua existência? Responderei: a insónia. Por hábito, à meia-noite em ponto dispo-me e vou para a cama, como dantes. Adormeço rapidamente, mas, logo depois da uma, acordo, com a sensação de não ter pregado olho. Vejo-me obrigado a sair da cama e a acender o candeeiro. Durante uma ou duas horas ando de um lado para o outro a olhar para os quadros e fotografias que há muito conheço de cor. Quando fico cansado de andar, sento-me à secretária. Sem mexer, sem pensar, sem desejos, ali fico sentado; se está algum livro à minha frente, aproximo-o automaticamente dos olhos e leio-o sem qualquer interesse. Há pouco li assim, de fio a pavio e maquinalmente, um romance com o estranho título *Do que cantava a andorinha*². Ou, para entreter a atenção, obrigo-me a contar até mil, visualizo a cara de algum colega e tento lembrar-me: em que ano e em que circunstâncias ocupou ele o seu cargo? Gosto de atentar aos sons. Ou é a minha filha Lisa, a dois quartos de mim, que

² Romance do escritor alemão Friedrich Spielhagen (1829-1911). (N. T.)

pronuncia muito depressa alguma coisa durante o sono, ou então é a minha mulher a atravessar a sala com um vela na mão e a deixar cair, infalivelmente, a caixa de fósforos, ou é um armário ressequido que range, ou então o bico do candeeiro que assobia — e todos estes sons me emocionam, não sei porquê.

Não dormirmos à noite significa termos a cada instante a consciência da nossa anormalidade, por isso espero com impaciência pela manhã e pelo resto do dia, em que tenho o direito de não dormir. Passa muito e aborrecido tempo antes que o galo cante no pátio. É o meu primeiro bom anunciador. Mal ele cucurica já eu sei que, passada uma hora, acordará em baixo o porteiro e, tossindo com zanga, começará a subir, sabe-se lá porquê, as escadas. A seguir começará o ar a empalidecer a pouco e pouco, soarão vozes na rua...

O meu dia começa com a chegada da minha mulher. Entra no meu gabinete, de saíote interior e despenteada, mas já de cara lavada e a cheirar à sua água-de-colónia floral e, com ar de quem entrou por acaso, diz sempre a mesma coisa:

— Desculpa, vim só por um minuto... Outra vez não dormiste?

Depois, apaga o candeeiro, senta-se ao lado da mesa e começa a falar. Não sou profeta, mas sei antecipadamente de que assunto vai tratar. Por norma, depois de perguntar, preocupada, sobre a minha saúde, lembra-se de repente do nosso filho, oficial do exército a prestar serviço em Varsóvia. A vinte de cada mês, mandamos-lhe cinquenta rublos — é esse o tema da nossa conversa.

— Bem sei que é pesado para nós — suspira a mulher —, mas enquanto ele não tiver uma posição bem assente na vida, a nossa obrigação é ajudá-lo. O rapaz está longe de casa, o vencimento é pequeno... De resto, se quiseres, no próximo mês mandamos-lhe só quarenta, e não cinquenta. O que achas?

A experiência do dia-a-dia poderia convencer a minha mulher de que as despesas não ficam mais pequenas por falarmos muitas vezes delas, mas a minha mulher não reconhece a força da

experiência e todas as manhãs, infalivelmente, fala do nosso oficial e de que o pão, graças a Deus, embarateceu alguma coisa e o açúcar encareceu dois copeques — e tudo isso num tom de quem me diz uma grande novidade.

Ouçó, concordo com ela maquinalmente e, talvez por não ter dormido de noite, apoderam-se de mim pensamentos estranhos e inúteis. Olho para a minha mulher e espanto-me como uma criança. Perplexo, pergunto a mim próprio: será que esta mulher velha, tão corpulenta, tão desajeitada, com esta expressão embotada pela preocupação mesquinha e pelo medo, pelo pão de cada dia, com o olhar enevoadado pelos pensamentos constantes das dívidas e da pobreza, que apenas sabe falar de despesas e só consegue sorrir à barateza da vida — será que esta mulher alguma vez foi a Vária esbeltazinha por quem me apaixonei loucamente, por ver nela um intelecto bondoso e claro, uma alma pura, uma beleza e também, como Otelo por Desdémona, por ver nela «compaixão» pela minha ciência? Será esta a minha mulher Vária que outrora me deu um filho?

Perscruto com o olhar a cara da velha anémica, gorda e canhestra, procuro nela a minha Vária, mas do passado só sobreviveu nela o medo pela minha saúde, além da maneira de chamar ao meu vencimento o nosso vencimento, ao meu gorro o nosso gorro. Dói-me olhar para ela e, para a consolar ao menos um pouco, deixo-a dizer o que ela quer e calo-me, mesmo quando avalia as pessoas de maneira injusta ou me censura por eu não exercer clínica privada e não editar manuais.

A nossa conversa acaba sempre da mesma maneira. Ela lembra-se de repente que eu ainda não tomei chá e assusta-se.

— Eu aqui sentada... — diz ela, levantando-se. — O samovar há tanto tempo na mesa, e eu aqui a tagarelar. Que esquecida fiquei, meu Deus!

Sai à pressa e, à porta, pára e diz:

— Devemos cinco meses de salário ao Egor. Sabias? Não se pode atrasar o ordenado dos criados, tantas vezes o tenho dito!